

ACM exorciza Malvadeza com consagração nas ruas

Itaquara — BA — Fotos de Gildo Lima

Marcelo Pontes

SALVADOR — O piloto Eudélio Dourado é obrigado a usar apenas a metade da pista de 800 metros de terra batida para pousar o *King-air* em Poções, no sudoeste da Bahia. Desliga imediatamente os motores. "Parece coisa de fanático xiita. Se não desligo os motores, pode haver uma tragédia. O povo avança mesmo", diz. O comandante baixa a escadinha e dá de cara com gente por todos os lados, até debaixo das asas do avião.

Antes de a névoa de poeira avermelhada se dissipar e permitir que de dentro do avião se veja melhor o rosto de ansiedade da multidão, um dos passageiros, ainda sentado na poltrona, olha para um ponto qualquer pela janela, deleitando-se sorridente com o coro que vem lá de fora: "ACM, ACM, ACM..."

O candidato anda agachado até a porta e, num impulso, no alto da escada, põe o corpo para fora e os braços para cima. A partir daí, nem ele nem seus seguranças têm controle sobre nada. É abraçado, beijado, tocado, alisado, arrastado. Quando não é levantado nos braços, só se vê uma cabecinha branca no meio de uma onda de gente que vai para lá e para cá, levantando mais poeira até achar a saída do campo de pouso.

É assim por onde anda Antônio Carlos Magalhães, ou ACM, como prefere ser chamado, ou ainda *Cabeça Branca*, como também gosta de ser saudado, gabando-se de não tingir os cabelos e o bigode para esconder os 63 anos de idade. Candidato a governador da Bahia pela coligação PFL-PTB-PDC-PL-PDS-PST, parece ídolo de música popular. Ele está se purificando nas urmas da fama de ser um político que desde 1964 passou a vida praticamente na sombra, como especialista em eleições indiretas e temido articulador de bastidores.

Há quatro anos, seu grupo foi derrotado por Waldir Pires na eleição de governador da Bahia com diferença de 1,5 milhão de votos. A esquerda festejou o seu fim. Agora, segundo o Ibope, ACM tem 90% de chances de ganhar a eleição logo no primeiro turno. É *Toninho Malvadeza* para os adversários. Mas nas ruas, como se estivessem atrás de um trio elétrico, os eleitores cantam alegremente um *reggae*, chamando-o "ACM, meu amor".

Homem chorando — Até gente insuspeita perde o controle da emoção diante de ACM, principalmente quando ele visita o interior baiano, onde estão 82% dos 6 milhões de votos do estado. Um dia desses, contam seus assessores, um senhor de idade avançada ajoelhou-se na frente do candidato, beijando-lhe os pés.

Há uma semana, quando ACM desembarcou na hora do pôr do sol em Vitória da Conquista, terceira cidade da Bahia, destacava-se no meio dos braços esticados para tocá-lo o rosto de um homem chorando, com lágrimas escorrendo. Chama-se Heitor de Andrade. Não se trata de um analfabeto, de um descamisado qualquer. É um professor.

Mais adiante, um eleitor agarrou sua cabeça e sapecou-lhe um beijo no rosto, atitude que ACM comenta com repugnância de macho nordestino, embora não deixe de louvar o voto. No domingo, na cidade de Jaguaquara, um homem de nível universitário parou a carreta do candidato para lhe beijar a mão. Era o engenheiro-agrônomo João Francisco Couto Neto, de 35 anos. Quando lhe perguntaram por que tinha feito isso, deu uma resposta curta, mas cheia de simbolismo: "Porque ele é um pai para a Bahia".

Esta é a primeira explicação para o fenômeno ACM nesta eleição. Nas duas vezes em que foi governador e numa em que foi prefeito de Salvador, sem para isso ter recebido um único voto, ele deixou obras em todo lugar. As grandes avenidas que cortam Salvador, por exemplo, foram abertas por ele, na lista telefônica da capital tem nove ruas, avenidas, travessas e conjuntos com seu nome, contra três de Rui Barbosa e duas de Jorge Amado.

Nos braços do povo — A segunda explicação é dada pelo diretor-executivo do Ibope, Carlos Augusto Montenegro: "Antônio Carlos tem um grande cabo eleitoral. Chama-se Waldir Pires". Quando Waldir o derrotou em 1986, ACM soltou uma frase profética: "Vou voltar nos braços do povo". Passou seis meses calado, o que é um martírio para quem, como ele, não tem papas na língua. Abriu a boca para denunciar o consumo excessivo de ovos no Palácio de Ondina, residência do governador. O presidente da

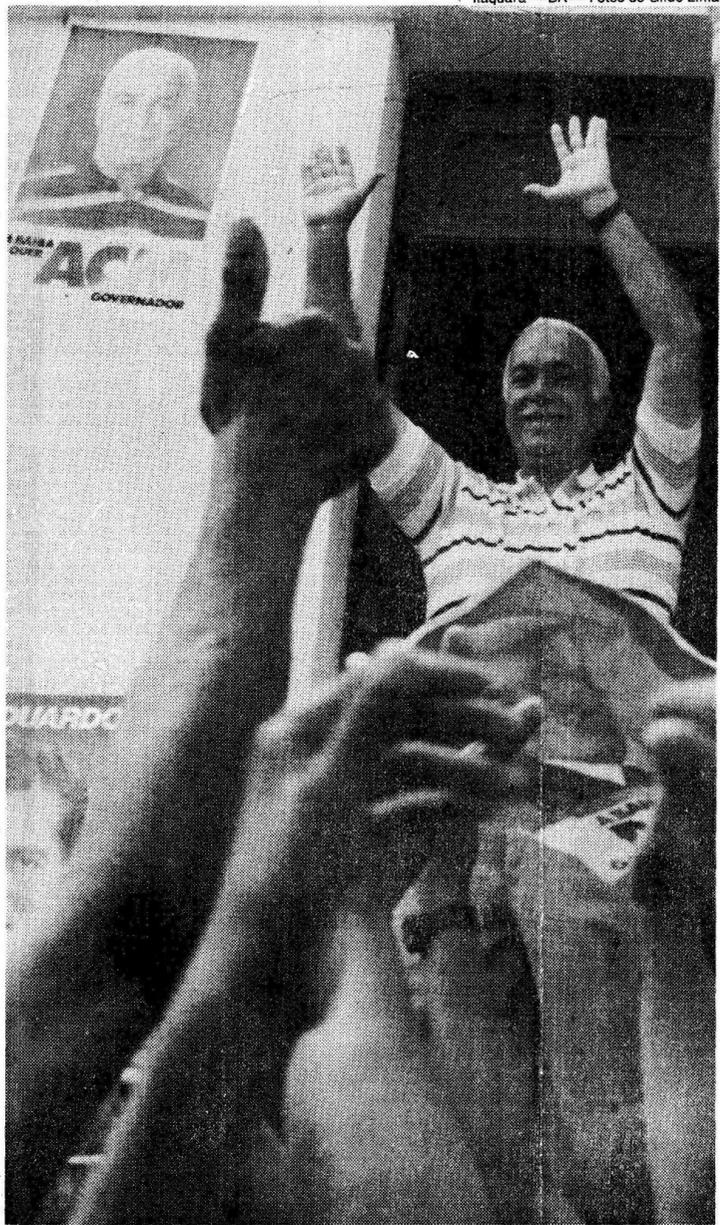
Propeg, Fernando Barros, empresa que comanda a propaganda de ACM, diverte-se ao lembrar a cena de Waldir na televisão fazendo a conta dos ovos que mandava cozinhar para os empregados do palácio. Apudando o governador de Waldir Moleza, ACM começou ali a campanha para voltar nos braços do povo.

A esquerda que levou Waldir ao poder também diz que foi desastroso o seu curto governo. Mas até adversários de Waldir, com exceção, é claro, de ACM, garantem que ele é um homem limpo, puro, honesto, digno — e a grande votação que terá como deputado federal, disputando o primeiro lugar com o filho de ACM, Luiz Eduardo Magalhães, pode servir como atestado disso. O que lhe desgastou mais ainda a imagem foi largar o governo na metade do mandato para ser candidato a vice-presidente na chapa de Ulisses Guimarães, deixando o cargo com o vice Nilo Coelho.

Eis a terceira explicação para o sucesso de ACM. Nilo Coelho, que é tratado pela oposição como *Nilo Boi* por ter-se tornado o maior proprietário de gado na Bahia, deu inestimável contribuição para que ACM se tornasse dono da bandeira da honestidade na campanha eleitoral. "É uma coisa vergonhosa, jamais vista neste país", diz ACM, ele próprio atacado algumas vezes por este flanco, mas com acusações jamais comprovadas. "Depois que assumiu" — continua ACM — "esse Nilo Coelho comprou seis grandes fazendas, a representação da Brahma de Vitória da Conquista até Brasília, uma revendedora Volks e pagou *cash* US\$ 6 milhões por uma televisão — o que é bem diferente de entrar numa concorrência e ganhar um canal de TV. Tudo isso comprado depois que assumiu o governo. De onde veio tanto dinheiro? É uma coisa cínica a maneira como ele constrói estradas de ótima qualidade para as suas fazendas. Chega a puxar mais de 200 quilômetros de linhas de energia para beneficiar as suas propriedades", acusa ACM. Sexta-feira passada, Nilo Coelho usou direito de resposta na televisão, contestando que tenha enriquecido no governo.

É assim ACM — não pode ser entendido nem julgado somente por um ângulo, ou com base apenas na primeira impressão. É uma das personalidades mais polêmicas do país, seguramente o ator que melhor conhece os bastidores do poder, as virtudes e, mais ainda, os pecados dos personagens dos últimos 20 anos da vida política nacional. Difícilmente se encontra alguém tão bem informado como esse leitor voraz dos principais jornais do Rio, São Paulo e Salvador, e usuário tarado de telefone. Até em seus palanques há telefone instalado.

Sua intimidade com os poderosos alimentou a mania de guardar papéis e documentos em pastas



Antônio Carlos Magalhães: pela primeira vez, voto para governador

bem organizadas. Tem, por isso, um dos mais assustadores arquivos sobre os homens públicos brasileiros. "Eles não sabem, mas tenho as declarações de bens de todos eles", diz, com riso de esperto, referindo-se a seus adversários na eleição baiana.

Chega ao requinte de catalogar e denunciar, sem ser contestado, que o candidato a senador Joacy Goes — o único inimigo irreconciliável confessado, por ter cometido a indignidade de tocar em questões de foro íntimo da família — tem 12.127 títulos protestados. Joacy, sem falar dos títulos, usou na propaganda eleitoral na televisão depoimentos a seu favor de gente da integridade de Ulisses Guimarães, Mário Covas, Nelson Jobim, Euclides Scalco, Artur da Távola e Antônio Brito. Mas, com suas companhias notáveis, vai perder a eleição de senador para o candidato de ACM, o inatacável professor Josaphat Marinho, de 74 anos, segundo garante o Ibope.

ACM é assim mesmo — implacavelmente demolidor, e ao mesmo tempo profundamente leal aos amigos. Ele mete medo, mas também desperta paixão. Saíram da frente quando ele, muito sério, conversa baixo, com ar de conspirador e de quem está insatisfeito com algo. Ou quando resolve abrir a boca no mundo. Nessas horas, parece um vulcão, reboando-se por dentro, ou soltando frases incandescentes. Mas que não se receie aproximar quando ele sorri com um jeito bonachão, a barriga um pouco empinada, os braços abertos para enlaçar compulsição. Nessas horas, parece um avô carinhoso.

Sua biografia é feita de capítulos que parecem contraditórios, mas que, no conjunto, desenham um dos perfis mais ricos de políticos brasileiros contemporâneos. Formou-se em Medicina, mas, como entrou aos 25 anos na política, elegendo-se deputado estadual, jamais passou receitas. "Também não assinei atestado de óbito. No máximo, dei umas injeções na minha sogra, coitada" — ri.

Cartas de JK — Era da UDN barulhenta — tanto que, certa vez, trabalhando como redator na Assembléia Legislativa da Bahia, teve a petulância de interromper com um descabido aparte o discurso de um deputado que atacava o seu primeiro chefe político, Juracy Magalhães. Mas, como ude-

nista, tornou-se muito amigo de um dos maiores nomes do PSD, o presidente Juscelino Kubitschek. Foi, inclusive, quem deu a JK a informação de que tinha sido cassado pelo comando do golpe de 64, oferecendo-lhe a pista para obter asilo político. Não deixou de falar a respeito de se encontrar com o ex-presidente. E dele guarda, com muito carinho, como a provar que não arquivava apenas informações desabonadoras, uma coleção de cartas mandadas do exterior.

Numa delas, procedente de St. Moritz e datada de 5/3/1961, ou seja, logo após deixar o governo, JK escreveu: "(...) Você acompanhou passo a passo a via-crucis desse período presidencial, várias vezes, como Cirineu, ajudando-me a galgar alguns calvários, e em todas as horas a sua palavra e o seu coração constituíram pontos extraordinários à minha atuação. Muito obrigado — obrigado mesmo — e saiba, agora, que sou seu amigo para sempre e sempre. Abraços, Juscelino."

Outra carta de JK, esta mandada do exílio, começava assim: "Paris, 30/9/1964. Meu caro Antônio Carlos. Você não admite o meu termo. O seu caráter tem a dureza do aço, temperado, porém, pela extrema generosidade do seu coração (...)"

Ou seja, é ao mesmo tempo o *Toninho Malvadeza*, apelido dado pelo general Golbery do Couto e Silva — que, em troca, foi batizado por ACM como *Genedow*, referência ao fato de ter presidido a Dow Chemical — e o "ACM, meu amor" desta campanha eleitoral.

No início da propaganda na televisão, os homens de marketing de ACM até tentaram capitalizar esses dois lados de sua personalidade, comparando-o a Oxumaré, o orixá que ora é força, ora é ternura. Mostraram isso através de um filme bonito de um ritual de candomblé numa cachoeira.

A cena que se descreve a seguir não apareceu nesse filme, mas serve de exemplo do lado força de ACM. Foi um gesto de coragem que praticou como deputado federal. Quando o lendário Tenório Cavalcanti, o da metralhadora *Lurdinha*, lhe apontou um revólver no plenário, para responder a um aparte agressivo, ACM desafiou, estufando o peito: "Atira, covarde, explorador do jogo e do lenocínio..." O deputado cearense Esmerino Arruda foi mais ágil. Chegou por trás e desarmou Tenório.

O lado ternura, ACM mostrou-o há poucas semanas, quando foi ao velório de seu adversário Luis Vianna Filho e chorou como criança. Aliás, os



Maria Lúcia: de Lula para ACM



Balívio viajou para ver ACM

amigos e assessores dizem que ACM chora com muita facilidade.

Há sempre dois lados nele. Foi, por exemplo, um dos políticos mais ligados aos militares do regime de 1964. O candidato a governador Luiz Pedro Irujo (PRN) chamou-o na televisão de "bajulador de ditadores". Mas nenhum político de dentro do governo ousou bater tanto nos militares como ACM. Com uma virtude: sabia fazer a hora, não esperava acontecer.

Ele deu várias vezes aos militares votos populares nas eleições viceadas em que a Arena da Bahia sempre aparecia como uma fortaleza de inexpugnável sustentação do regime. Mas no momento preciso nocauteou a ditadura.

Aconteceu em 4 de setembro de 1984, exatamente dia do aniversário de ACM. Em manobra dos militares para tentar impedir o avanço da candidatura oposicionista de Tancredo Neves (PMDB) a presidente da República, o ministro da Aeronáutica, brigadeiro Délio Jardim de Mattos, em discurso na inauguração da ampliação do aeroporto de Salvador, afirmou que "a história não fala bem dos covardes e muito menos dos traidores".

Sem citar nomes, queria referir-se aos dissidentes do PDS, como ACM, que garantiriam a vitória de Tancredo diante de Paulo Maluf no Colégio Eleitoral, encarregado de aprovar o nome do novo presidente, em 15 de janeiro de 1985. ACM estava comemorando o aniversário com amigos em sua cobertura duplex no bairro da Graça, decorada com pratarias, imagens antigas e objetos sacros, como castiçais, cálices, ámbulas, osentórios e turbulões, além de quadros de Di Cavalcanti, Caribé, Scliar e Lula Cardoso Aires.

Tapa em oficial — Fulminante como um ataque de casavel, ACM divulgou uma nota que serviu ao mesmo tempo de resposta ao brigadeiro e de ducha fria na ameaça de intervenção militar na sucessão presidencial. "Trair a Revolução de 64 e a memória de Castello Branco e Eduardo Gomes é apoiar Maluf para presidente. Trair os propósitos de seriedade e dignidade da vida pública é fazer o jogo de um corrupto, e os arquivos dos órgãos militares estão com as provas da corrupção e da improbidade", afirmou, na nota. Dez dias depois, subiu no palanque dos comícios da oposição. Tancredo deu-

lhe o Ministério das Comunicações, onde ficou até descer a rampa com Sarney, no final do quinto ano de mandato.

Houve outras cenas de desafio aos militares sobre as quais ACM prefere manter reserva. Como ministro, ele agrediu um repórter que lhe fez pergunta considerada provocadora. Como governador, partiu para dar um tapa num oficial que, de dedo em riste, caiu na besteira de se intrometer em seu governo. Errou o tapa. Apenas derrubou o quepe do oficial. Também botou para fora do gabinete o chefe do SNI da Bahia e demitiu o comandante da PM sem consultar o ministro do Exército, que na época era o todo poderoso general Orlando Geisel.

Há duas semanas, seus adversários divulgaram na televisão uma cena de repressão policial a estudantes, durante um dos governos ACM. Esqueceram-se de que ACM, como governador, de novo desafiando os militares, principalmente o chefe do SNI, general Octávio Medeiros, cedeu o centro de convenções de Salvador e proteção policial para que a então proscrita União Nacional dos Estudantes (UNE) saísse da clandestinidade para realizar o seu primeiro congresso à luz do dia.

É acusado de ser centralizador, mas quem convive com ele, como o chefe da equipe de marketing, Fernando Barros, para quem ACM freqüentemente telefona de madrugada, garante que não gosta de fazer nada sozinho. "Desculpe, tem, sim, uma coisa, em que ele não ouve ninguém. É quando fazem acusações contra a honra dele. Mesmo se for conveniente, do ponto de vista da campanha, não dar resposta a essas acusações, ACM não acata. Responde mesmo, na bucha", diz Fernando.

Saúde e figa — E como foi atacado nesta campanha. O candidato do PRN, Luiz Pedro Irujo, passou um mês na televisão martelando o seguinte slogan: "Diga não ao governador ladrão". Baseava-se numa pesquisa segundo a qual as pessoas não se incomodam em votar em quem rouba, mas faz. De início, ACM batia mais no pai de Luiz Pedro, o empresário Pedro Irujo. Chamava-o, simplesmente, de "basco ladrão". A equipe de propaganda se encarregou de ridicularizar o filho dele. Eram cenas cruéis com bonecos dos artistas Gepp e Maia, em que Luiz Pedro aparecia de fraldas e chupeta, ou batendo um sorvete na testa, ou ainda tentando soletrar a palavra mo-der-ni-da-de. Hoje, Luiz Pedro é chamado de *Tota-Tota*.

O candidato do PMDB, Roberto Santos, que no último Ibope (18/9) tinha 19% das intenções de voto contra 47% de ACM, cedeu seu horário para reabrir a ferida de uma das tragédias que marcam a vida de seu concorrente, o chamado Caso Juca Valente. José Fernando Marques dos Reis Valente, o Juca Valente, 27 anos, era casado com uma das filhas de ACM, Tereza Helena. O casal discutiu; Juca foi encontrado com um tiro na cabeça.

Isso ocorreu no dia 24 de janeiro de 1975. Oficialmente, foi suicídio. A mãe de Juca, dona Maria Celina Marques dos Reis Valente, insiste em que o filho teria sido assassinado. A cada eleição, ela pede a reabertura do processo. Em 1975 e 1988, o ministério público não acatou seu pedido, por falta de provas da insinuação levantada. Aos poucos, este caso policial vai saindo da Justiça comum para a Justiça Eleitoral. Semana passada, ACM ganhou direito de resposta na televisão. Apareceu compungido, atacando os que não respeitavam a memória de seu genro nem a dor de sua filha.

ACM confessa que isso lhe dói muito. Como machucam a lembrança de outras tragédias — o suicídio de sua filha Ana Lúcia; a morte de seu candidato a governador Clériston Andrade, em acidente de avião, a 45 dias da eleição de 1982; e a do deputado estadual Luis Cabral, em acidente automobilístico, há um ano. Cabralzinho, como era tratado, seria um dos herdeiros do carlismo.

Os ataques não alteraram a solidez da candidatura de ACM. "Não vejo nada de ruim nele. Ele vai mudar a Bahia", diz na cidade de Itaquara a professora desempregada Maria Lúcia Sampaio, de 26 anos, eleitora de Waldir Pires em 1986, de Leonel Brizola no primeiro turno para presidente, de Lula no segundo turno e, agora, de ACM.

Aos ataques, à derrota humilhante de quatro anos atrás e à fama de ser *Malvadeza* se juntavam, na conjunção de fatores contra a possibilidade lógica de vitória de ACM na eleição, o fato de ter participado, até o dia 15 de março, de um governo impopular

como o de José Sarney e de ter sido submetido, há um ano e meio, a uma das mais complexas, difíceis e dramáticas cirurgias do coração já realizadas pela equipe do professor Adib Jatene, no Incor, em São Paulo. Ele ganhou duas pontes de safena e suas pontes mamárias e teve 20% do ventrículo esquerdo reconstruído com membrana artificial de teflon e pericárdio bovino — um pedaço da capa que envolve o coração do boi, da espessura de uma folha de papel. Por um triz não morreu.

Hoje, ACM vende saúde. Não bebe nem fuma, mas quanto ao resto faz exatamente o que seus médicos não recomendariam. Há dois meses, suspendeu as caminhadas na praia, por causa da campanha. Come de tudo, inclusive condimentos baianos. Ataca com gula de menino travesso caixas de chocolate crocante. E fica acessado pelo menos 17 horas por dia, alternando poeira das brabas, calor de meio-dia na testa, frio e chuva.

ACM ainda esnoba: beija as duas mãos, encosta-as no coração e arremessa os braços para as multidões dos comícios, durante os quais promete obras localizadas e apresenta uma mensagem vaga, mas de grande apelo popular — a de salvar a Bahia. Faz tanto sucesso que após cada comício há um espetáculo à parte: a multidão se desloca para os fundos do palanque, a fim de esperar a descida do candidato, tocar nele e levá-lo até o carro.

É a hora em que mais trabalha o segurança Nivaldo Souza, que esconde o jeito amável em uma cara de bandleiro mexicano. Uma proteção mais forte, entretanto, ACM leva no peito. São duas correntes de ouro com sete medalhas. Tem os Santos Óleos, o Santo Lenho, Santo Antônio, Divino Espírito Santo, Santa Helena, Conceição da Praia e Nossa Senhora. E, como bom baiano, uma figa, também de ouro.

□ O "baixo nível" da campanha baiana, identificado no violento direito de resposta exercido na sexta-feira pelo governador Nilo Coelho, quando atacou de modo desabrido o candidato Antônio Carlos Magalhães, levou o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) a suspender a campanha eleitoral baiana no horário eleitoral gratuito. Protestos de Antônio Carlos Magalhães (PFL) e do próprio Roberto Santos (PMDB), levaram o TSE a reunir-se de novo no início da noite de ontem a fim de julgar os recursos. Antônio Carlos alegava que a decisão favorecera o infrator.



Depois do comício, um espetáculo à parte: a multidão espera atrás do palanque para tocar no candidato